

–**TODOS AO COLYSEU** –  
**EDUCAÇÃO E MODERNIDADE NUM PARQUE DE DIVERSÃO EM  
CURITIBA (1905-1913)**<sup>1</sup>

**Recebido em:** 19/04/2021

**Aprovado em:** 13/08/2021

Licença: 

*Leonardo do Couto Gomes*<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)  
Rio de Janeiro – RJ – Brasil

**RESUMO:** O presente estudo tem por objetivo discutir as experiências em torno de um pioneiro parque diversões de Curitiba, o Colyseu Curitybano, entre os anos de 1905 (momento de sua implementação) e 1913 (quando a estrutura fecha as portas). O propósito foi investigar as repercussões das atrações ofertadas no local na formulação de possíveis processos de instrução para a experiência moderna. Para tanto foram utilizados como fontes as publicações de jornais da época. A título de conclusão, o artigo aponta que o Colyseu durante seus anos de existência foi um lócus de circulação de ideias de modernidade na capital paranaense e que, através dos divertimentos ali ofertados, frequentadores (as) puderam sintonizar-se e instruir-se de e para diversas experiências do mundo moderno.

**PALAVRAS-CHAVE:** História do Lazer. História da Educação. Curitiba.

–**TODOS AO COLYSEU** –  
**EDUCATION AND MODERNITY IN AN AMUSEMENT PARK IN CURITIBA  
(1905-1913)**

**ABSTRACT:** The present study aims to discuss the experiences around a pioneer amusement park in Curitiba, the Colyseu Curitybano, between the years 1905 (when it was implemented) and 1913 (when the structure closed its doors). The purpose was to investigate the repercussions of the attractions offered on the site in the formulation of possible instructional processes for the modern experience. For this purpose, newspapers of the time were used as sources. In conclusion, the article points out that Colyseu during its years of existence was a locus for the circulation of ideas of modernity in the capital of Paraná and that, through the amusements offered there, regulars were able to tune in and learn and for different experiences in the modern world.

**KEYWORDS:** History of Leisure. History of Education. Curitiba.

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

<sup>2</sup> Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, na linha História, sujeitos e processos educacionais. Membro do Sport: Laboratório de História do Esporte e do Lazer – UFRJ.

## Introdução

De acordo com Martins (2004), nos anos iniciais do século XX, diversos parques de diversão foram abertos no Brasil. Melo (2020) ao estudar as experiências do Tivoli, um estabelecimento do respectivo cunho formulado na então capital federal, Rio de Janeiro, ainda no século XIX, enfatiza que a emergência destas estruturas se deu *pari passu* com a melhor conformação de um mercado de divertimento<sup>3</sup>. Esses processos, como bem descreve Sevckenko (1983), se relacionavam a um conjunto de mudanças civilizadoras e progressistas em âmbito nacional e que acabaram incidindo no cotidiano de outras cidades do país experiências similares - inclusive no que se refere a melhorias da infraestrutura urbana e da gestão de um mercado voltado às recreações.

Dito isso, como teriam os parques de diversão se organizado em outras cidades brasileiras? Curitiba, assim como o Rio de Janeiro, durante a transição do século XIX para o XX, passava por intensas transformações ligadas à circulação de noções de civilização, modernidade e progresso, onde locais de diversão também passaram a despontar. A partir de sua nomeação como capital da província do Paraná em 1853, Curitiba passou a vivenciar profundas modificações. Uma transição de aspectos rurais para o citadino iniciava-se com maiores entonações (SANTOS, 1998; OLIVEIRA, 2016), oferecendo aos seus habitantes novas estruturas urbanas, assim como o vislumbre de instruir-se para novos comportamentos.

Segundo Molina (2020), estimulada pelo cultivo e comércio da erva-mate, a capital paranaense foi dando seus primeiros passos em direção ao cenário urbano. Construía-se elementos básicos para a vida citadina, logradouros pavimentados, meios para dividir e organizar as ruas, implementaram-se saneamento e distribuição da

---

<sup>3</sup> Sobre o uso do termo divertimento, estamos alinhados com Santos (2017) que compreende que o sentido e significado da expressão durante o período estudado, pode significar diversificadas atividades que tem em comum a potencialidade de causar sentimentos e expectativas, em uma relativa oposição ao sério, rígido e severo. São, portanto, experiências que podem provocar alegria, prazer, euforia, regozijo - um verdadeiro leque de sensações.

água, fundavam-se espaços para o tratamento da saúde, educação e transporte públicos. Além disso, ambientes de lazer eram frequentemente requisitados - desejos que tiveram contribuição para formular um mercado recreativo na cidade posteriormente (GRUNER, 2012).

De toda forma, as principais modificações urbanas da cidade só foram implementadas nos anos finais do século XIX e, principalmente, nas primeiras décadas do século XX, ainda com o apoio direto das finanças do mate (PEREIRA, 1996). O início do século XX em Curitiba foi um momento de efervescência urbana, crescimento populacional<sup>4</sup> e de maiores dinâmicas públicas. Medidas para melhorar a pavimentação, saneamento e o uso dos recursos hídricos foram difundidas, além de discursos para a promoção do embelezamento da cidade principalmente por meio da arborização de ruas e praças, tudo com nítidas e declaradas influências de modelos urbanísticos europeus, notadamente da França e Inglaterra (BAHLS, 1998).

Chegava à cidade o transporte de bondes elétricos em oposição aos puxados a cavalos, estruturas como o passeio público eram revitalizadas, fundava-se um moderno jockey clube, fábricas de cerveja eram erguidas, cinemas, teatros e cafés também enriqueciam a malha urbana, além de um variado comércio de artefatos em geral. Foi neste período inclusive que se materializou, conforme retrata Moraes e Silva (2011) e Souza (2014), em certos setores da sociedade curitibana, uma maior presença e valorização de espaços para divertimentos, inclusive os de cunho esportivos.

Entre os mais distintos empreendimentos que se desenvolviam na capital do Paraná, um pioneiro parque de diversão ganhou destaque: o *Colyseu Curitybano*<sup>5</sup>,

---

<sup>4</sup> Neste período de 1890 a 1900, Curitiba dobrava sua população, passando de 24.533 para 50.124 habitantes. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6>. Acesso em: 4 jun. 2020.

<sup>5</sup> Os jornais curitibanos usavam sem muita rigorosidade diversas denominações ao parque, nomenclaturas como Coliseu Curitibano, Colyseu Curitybano, *Colyseu Curitybano*, Coliseo Curitybano foram algumas

instalado em 1905 na Rua Aquidabã (atual Emiliano Pernetá), esquina com a Rua Voluntários da Pátria (de mesmo nome até os dias atuais). A estrutura tinha como seus proprietários sujeitos conhecidos na cidade por seus negócios em conjunto. Os empresários Francisco Serrador Carbonell<sup>6</sup> e Antonio Gadotti. Ambos os personagens já apresentavam investidas em empreendimentos voltados ao mercado de diversões. Juntos, tinham gerenciado o Frontão<sup>7</sup>, uma empresa especializada no jogo de pelota basca, além de promoverem espetáculos envolvendo touradas (MORAES, 2012). Aliás, o nome *Colyseu*, já vinha sendo utilizado pelos sócios num empreendimento especializado em tauromaquia<sup>8</sup> que haviam investido na cidade ainda em 1903 (GOMES; MELO, 2021).

Sendo assim, os proprietários do *Colyseu* apresentavam bagagem no ramo comercial das diversões e, possivelmente, contavam com o fato de que a cidade crescia e sua população já conhecia e demonstrava disposição para frequentar espaços públicos de diversão- ocorrências fundamentais para a sustentação deste de tipo de iniciativa.

O *Colyseu* já serviu de objeto de estudos de outros pesquisadores. Brandão (1994) ao estudar os acontecimentos desenvolvidos no parque, especificamente os voltados aos espetáculos que as maquinarias promoviam, constata que o estabelecimento marcou seu tempo, sendo fortemente encarado pela imprensa local como um símbolo de modernidade e progresso. Ainda, segundo a autora, o negócio dos senhores Serrador e Gadotti, trazia novidades jamais avistadas pela população. Contudo,

---

das formas encontradas. Neste artigo, manteve-se as nomenclaturas da forma como apareciam nas fontes, todavia, quando nos referimos diretamente à estrutura, optou-se por utilizar o nome *Colyseu* Curitybano.

<sup>6</sup> Serrador, mais tarde, ficaria conhecido como um grande empresário do mercado de diversões em outras cidades brasileiras, como São Paulo e Rio de Janeiro, onde investiu em negócios voltados ao cinema. Para mais detalhes sobre Serrador ver Moraes (2012).

<sup>7</sup> Para maiores informações sobre o Frontão e o jogo da pelota ler Moraes e Silva (2011).

<sup>8</sup> Ainda em 1903 os sócios fecharam o *Colyseu* de touradas e saíram desse ramo. Neste sentido, adverte-se que a única ligação entre os eventos envolvendo touros realizados em Curitiba, numa estrutura também chamada *Colyseu* Curitybano, com o parque de diversões da Rua Aquidabã, são dos próprios proprietários. Porém, cada ambiente se desenvolveu em tempos e locais distintos. Para maiores informações sobre as dinâmicas recreativas envolvendo touros na capital paranaense ver Gomes e Melo (2021).

a historiadora acabou não buscando em suas análises visualizar possíveis aspectos ligados a possibilidade de uma educação para a experiência moderna através das atrações ofertadas no empreendimento - aspectos estes que se propõe evidenciar neste artigo.

Há que se ter em conta que estudos sobre as potencialidades dos divertimentos e dos espaços de diversão para uma educação à experiência moderna, no século XIX, já foram temas de estudos em outras localidades. Peres e Melo (2014) ao estudar o contexto carioca, Gois Junior (2013) e Santos (2017) o caso paulista, Moraes e Silva (2011) explorando aspectos de Curitiba e Freire; Oliveira e Rocha Junior (2019) o quadro baiano, reforçam que as práticas de diversão caminhavam em torno de uma racionalização do domínio do corpo ligado a um discurso de modernidade e urbanização que já vinha sendo sustentado há algum tempo em solo europeu, principalmente por meio das potencialidades médicas, terapêuticas, posturais e dos aspectos civilizatórios a elas atribuídos.

Essas características corroboram com o panorama francês detalhado por Vigarello (1999; 2003; 2008) ao visualizar que em terras francesas os momentos de divertimento se forjaram como importantes instâncias para a educação do corpo e dos sentidos daqueles que as experienciavam. Neste sentido, estamos alinhados com tais autores, bem como com Silva (2009) e Melo (2020) que visualizam os parques de diversão como centros de educação informal que pode contribuir para a instrução dos sujeitos às dinâmicas modernas por meio das experiências com as atividades de diversão ali ofertadas. De maneira mais ilustrativa, esses pesquisadores percebem os ambientes de diversão como oficinas sociais nos quais podem manifestar diversas iniciativas capazes de revelar hábitos que podem servir de ricas possibilidades para a instrução de regras comuns para o convívio social.

Assim sendo, partimos da constatação de que o estabelecimento ocupou um espaço notável na cidade de Curitiba, podendo representar uma expressão do conjunto de mudanças que marcou a sociedade curitibana do início do século XX. Desta maneira, este estudo tem por objetivo ampliar as discussões sobre as experiências ocorridas no *Colyseu Curitybano*, principalmente no que concerne a repercussão das atrações ofertadas pelo parque na formulação de possíveis processos de instrução para a experiência moderna na cidade entre os anos de 1905 (momento de sua implementação) e 1913 (quando a estrutura fecha suas portas). Consideramos que se levarmos em conta que todos deveriam aprender certas maneiras de se portar durante a cena pública, inclusive nos espaços de diversão, na mesma medida em que esses locais difundiam novas formas de agir, estudar os parques justifica-se como uma iniciativa que pode nos ajudar a lançar um olhar singular para a história do lazer, da educação e cidade.

Para alcance do objetivo, utilizou-se como fontes os jornais do período em tela. Dois motivos levaram a tal escolha: 1) a carência de outros materiais sobre o *Colyseu Curitybano*<sup>9</sup>, tendo em vista que se tratava de uma iniciativa privada não descrita em documentos governamentais; 2) A imprensa curitibana, neste período, já se materializava como um *locus* público significativo (BENVENUTTI, 2004; CORREA, 2009), aspecto que nos ajuda a entender as repercussões dos acontecimentos realizados no parque. O uso/análise dos periódicos foi baseado a partir do que sugere Luca (2005), sempre considerando possíveis interferências da materialidade do veículo e de sua emissão.

---

<sup>9</sup> Infelizmente não conseguimos encontrar nenhum documento privado da empresa.

## Inaugura-se o Colyseu

Como vimos na introdução, Curitiba, durante o início do século XX, apresentava uma malha urbana com alguns atrativos de lazer e uma população aparentemente disposta a usufruir destes espaços. Tendo isto em vista, como teria a sociedade curitibana encarado o *Colyseu Curytibano*? No dia 10 de março de 1905, o jornal Diário da Tarde<sup>10</sup> noticiava a inauguração do parque.

Figura 1: Coliseu Curitybano



**COLISEU  
CURITYBANO**

Domingo, 12 do corrente,  
terá lugar a inauguração deste maravilhoso Coliseu, Paraíso das famílias, onde passarão horas agradabilíssimas devido a immensidade de folgedos infantis.

**Estréia do sensacional FERRO-CARRIL-Aereo**  
Tiro ao alvo - guerra aos ovos dansantes

Kalloscopo automatico, vistas panoramicas das grandes cidades do mundo e das mais celebres demí-mondaines.

**Gallinhas magicas** - às quaes podem botar milhares de ovos de alluminium, bonito presente para crianças.

**POLYPHON** - A ultima criação musical automatica  
Exposição dos CHIMPANCEZ amestrados e a Águia Real

Inauguração do moderno Sport Skatink—Rink (Patinação) cujo circo foi construido com todas as commodidades apeteciveis.

**Bosque de Bologne**

Funcionará o surprehendente carroussel mechanic, divertimento muito apreciado nas grand's capi'acs do mundo.  
A's 6 horas da tarde, elevação de dois grandes balões, um systema Santos Dumont e outro Severo.

EXCELLENTE serviço de botequim

**2 bandas de musica abrilhantarão a festa**  
**ENTRADA FRANCA !**  
**Domingo, todos ao Coliseu ! Ao Coliseu todos, Domingo !**  
**RUA AQUIDABAN**  **Rua Voluntarios da Patria**

Fonte: (DIÁRIO DA TARDE, 10/03/1905, P. 3.)

O empreendimento nascia com a intensão de ser o espaço ideal para as famílias e crianças curitibanas se divertirem. Com entradas francas, o *Colyseu* funcionava através do pagamento de bilhetes para usufruir das atrações, comidas e bebidas vendidas no

<sup>10</sup> Esse periódico era o de maior circulação na capital paranaense no período investigado (BRANDÃO, 1994). Seu período de funcionamento foi entre os anos de 1899a 1983. Segundo Cunha Filho (1998), o referido jornal tinha tendências anticlericais e liberais e por isso costumava cobrar posturas modernizadoras do poder público.

local, algo comum em negócios desse gênero (MELO, 2020). O parque, como podemos observar no anúncio, ofertava uma variedade de experiências, e com preços menores que de outras casas de diversões<sup>11</sup>. Segundo Brandão (1994), um show de atrações no logradouro custava de 200 a 500 reis. Basicamente quem pudesse comprar um jornal<sup>12</sup> conseguiria usufruir das recreações, valores que provavelmente atraíam um público variado.

No dia seguinte da inauguração, um cronista anônimo nos fornece suas impressões sobre o que viu nos espetáculos do novo negócio da Rua Aquidabã, esquina com a Rua Voluntários da Pátria.

*COLYSEU CURITYBANO* – Teve hontem lugar a abertura desta nova casa de diversão, estabelecida na rua Aquidaban, esquina da rua Voluntarios da Patria.

O *Colyseu* foi montado com capricho, ocupando vasta area onde se erguem elegantes chalets e aparelhos para varias diversões, como sejam: ferro carril aéreo, tiro ao alvo, patinação, carrousel, gallinhas magicas, exposição de macacos etc.

As 6 horas da tarde, foi soltado um grande balão.

A inauguração teve lugar ao meio dia, ao som das bandas de musica 13º cavalarias e 39º de infataria, que ali tocaram até as 10 horas da noite.

A concurrencia de povo, quer de dia quer de noite, quando se achava profusamente illuminado á luz electrica e a giorno, foi numerosa, notando se grande numero de familias.

Nas duas entradas do Colyseu achavam-se postadas dois porteiros, em boa hora ali collocados afim de evitar que, como se deo no Parque de Exposição, seja o Colyseu invadido por pessoal suspeito (DIÁRIO DA TARDE. THEATROS E DIVERSÕES, 13/05/1905, p.2)<sup>13</sup>.

O autor da crônica escrevia suas sensações sobre o *Colyseu* imbuído de uma atmosfera encantada. Adjetivos elogiando a estrutura do espaço como “montado com capricho”, “ocupando vasta área”, “profusamente iluminada a luz elétrica”, e observações com o cuidado dado a segurança que contava com dois porteiros saltaram

---

<sup>11</sup>A título de exemplo, os ingressos mais em conta para se assistir uma tourada custavam 1\$000 (GOMES; MELO, 2021), enquanto uma garrafa de cerveja Atlântica Pilsen valia 6\$500 (GOMES; MORAES; MELO, 2020).

<sup>12</sup> Neste período um volume atrasado do jornal Diário da Tarde também custava 200 reis.

<sup>13</sup> A seção, Theatros e Diversões era uma parte do referido jornal dedicada exclusivamente aos acontecimentos ligados ao lazer da cidade. Em essência notamos que as crônicas jornalísticas desta seção eram anônimas, gerando certas dúvidas quanto a quem era seus escritores, talvez fossem até mesmo os próprios proprietários, estratégia usualmente conforme lembra Melo (2020) utilizadas por sujeitos vinculados ao comércio em geral. De todo modo, ainda assim são ricas veias para visualizarmos os acontecimentos realizados no estabelecimento.

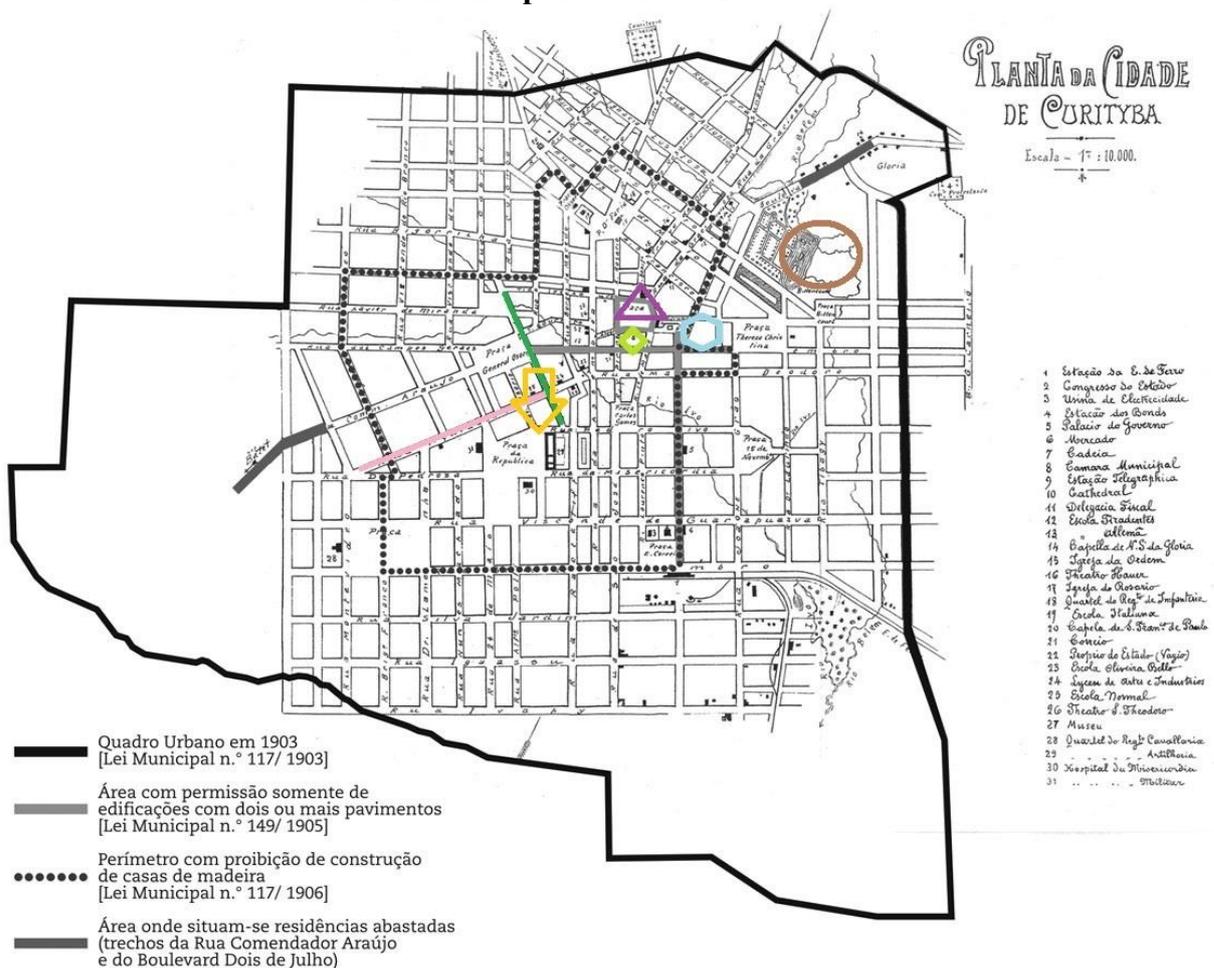
aos olhos do cronista. Mesmo sendo acessível a uma maior parcela de público devido aos valores das entradas, o parque possivelmente, com a presença de sujeitos encarregados de fiscalizar a portaria, buscava evitar a frequência de pessoas que não se controlavam em cena pública, indicando que ali era um espaço onde havia a necessidade de pairar certos parâmetros civilizatórios. Esses aspectos corroboram com os achados de Moraes e Silva (2011) que, ao explorar a emergência de um campo recreativo (notadamente o esportivo) em Curitiba, observa que os espaços de diversão que se forjavam na capital paranaense buscavam implementar modelos e normas gestuais refinadas, onde a educação e a civilidade deveriam ser rotineiramente presentes.

Na semana seguinte, outra crônica anônima publicada na mesma coluna trazia impressões menos excitadas sobre o empreendimento, porém, ainda visualizava o negócio como um ponto necessário e benéfico para a cidade.

COLISEO CURITYBANO – Ha muito tempo precisava Curityba de um ponto de diversão, mas um claro, festivo, rumorejante, onde o sexo gentil levasse a graça de seu encanto e a garridice das tolletes elegantes. Até o mez passado apenas a praça Tiradentes preenchia essa necessidade; era o *rendez-vous* obrigado aos domingos e feriados. Mas Aquelle silencioso e penumbrado logradouro, sem outro atractivo que não a banda marcial, não podia satisfazer plenamente aos desejos de recreio da população curitybana. Compreendendo isso, naturalmente, foi que a empresa do Coliseo *Curitybano* resolveu instalar o magnífico parque, situado na esquina das ruas Aquidaban e Voluntarios da Patria. Claro que ao novo estabelecimento falta muita cousa, devido ao acanhado do terreno; mas assim mesmo como está já constitue um excellente ponto de diversão (DIÁRIO DA TARDE. THEATROS E DIVERSÕES, 20/05/1905, p. 1).

Para o cronista, mesmo que no empreendimento ainda faltasse muitas coisas, a começar pelo seu acanhado terreno, ainda assim era essencial para a população, sendo um excelente ponto de diversão, numa cidade que em sua visão carecia de mais espaços com estímulos recreativos que agradasse variados gêneros. Uma planta da cidade datada de 1901 nos fornece detalhes sobre as dimensões do terreno onde o parque se localizava.

**Figura 2: Planta de Curitiba – 1901 apresentada pelo Almanach Paranaense para o ano de 1900.**



Fonte – (CURITYBA, CORREIA & COMP. 1899; LEIS MUNICIPAIS 117/1903, 149/1905 E 177/1906)

Em rosa claro, a Rua Aquidabã (atual Emiliano Pernet), logradouro onde se situava o *Colyseu Curitybano*.

Em verde escuro, está demarcada a Rua Voluntários da Pátria (de mesmo nome até os dias atuais), o parque fazia esquina com esta via.

A seta amarela indica a possível localização do *Colyseu*, entre a Rua Aquidabã e a esquina da Rua Voluntários da Pátria

O triangulo roxo, representa a região da Igreja Matriz e da praça Tiradentes um ambiente que também promovia recreações, principalmente musicais.

Em verde claro, a estação de bondes elétricos de Curitiba.

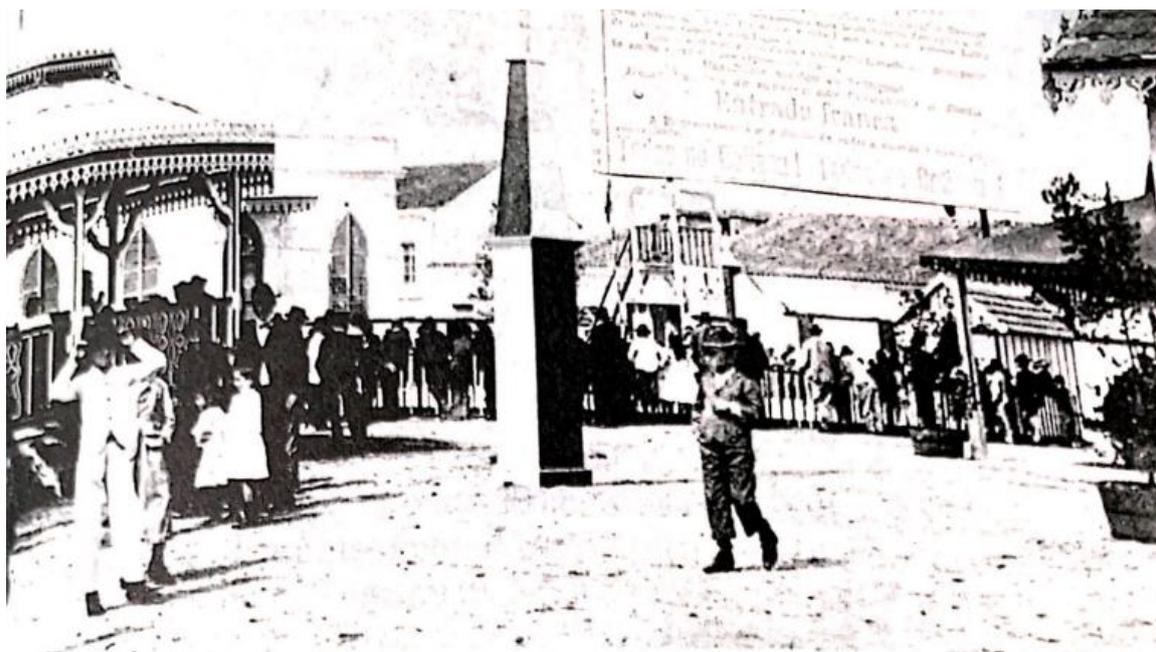
Em azul claro, o Clube Curitibano, uma entidade importante nas noites de bailes curitibanos (GOMES, 2019).

Em marrom claro, a localização do passeio público de Curitiba.

Como explicita a imagem anterior, o *Colyseu* se fixava num perímetro da cidade relativamente urbanizado. As dependências do parque não eram distantes das regiões mais centrais representadas na figura pelas cores azul claro, verde claro e roxo, onde a presença de pavimentação era um aspecto comum. No que diz respeito a infraestrutura

do estabelecimento, podemos situar que apesar de conter luz elétrica, aspecto inovador para época, a maior parte dos galpões ainda era de madeira e o chão sem pavimentação, além do que o parque era a céu aberto - o que dificultava os espetáculos em dias de chuvas devido ao lamaçal que se formava. É certo que havia uma mistura de delineados urbanos e outros menos citadinos presentes no parque, características que podem ser compreendidas como sintomáticas da inserção em uma Curitiba que também se modernizava. Alguns destes traços podem ser visualizados em uma das poucas imagens específicas sobre o *Colyseu*.

**Figura 3: O Colyseu Curitybano em 1905.**



Fonte: (BRANDÃO, 1994).

Mesmo com alguns empecilhos em sua estrutura, de todo o modo, o *Colyseu* era avistado como um bem inovador para capital paranaense, principalmente por suas diversificadas máquinas e espaços de diversões que conquistavam a população.

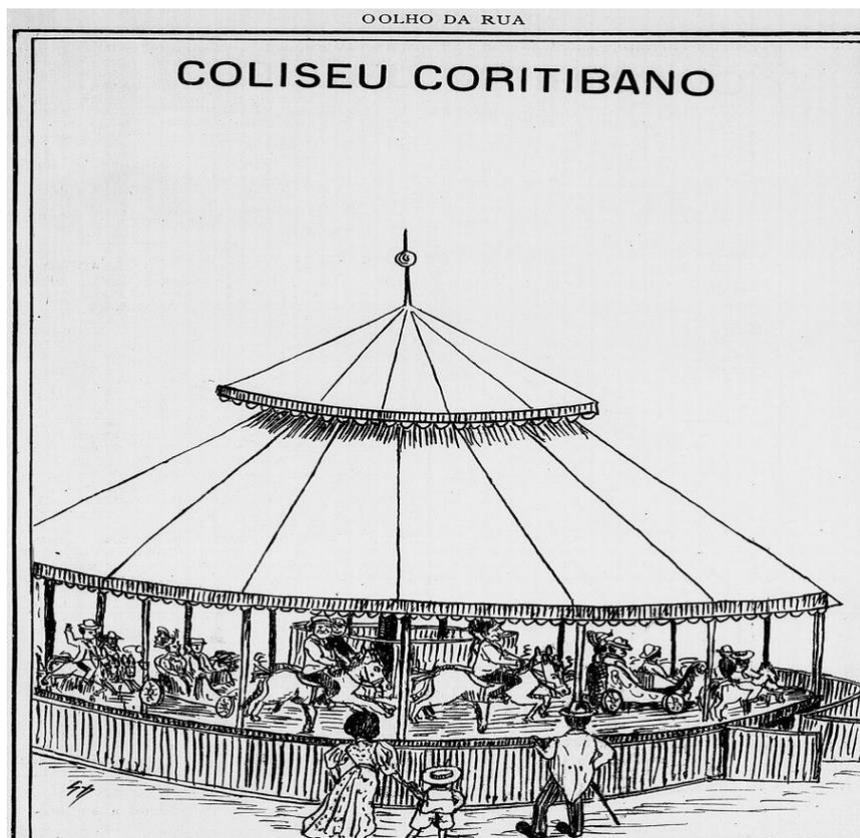
Além do carrossel, que é o encanto do mundo infantil, vários gênero de sport ali se encontram em profusão, destacando-se o schatting-runk, o maior

atractivo do Coliseo. E depois o ferro carril sereo, kalescops automatico, poliphon, tiro ao alvo, galinhas magicas.

Não é de admirar, pois, a extraordinária concurrencia que hontem teve, quer de dia quer á noite, quem de a illuminação electrica recebeu bizarro reforça da lanternas venezianas.

Foi realmente notavel a concurrencia de hontem no Coliseo; todas as dependencias achavam-se repletas, sendo elevado o numero de familias, muitas das quaes ali arrastadas pela petizadas que se acha sedusida pelo carroussel. (DIÁRIO DA TARDE. THEATROS E DIVERSÕES, 20/05/1905, p. 1).

**Figura 4: Gravura do carrossel do Colyseu Curitybano**



Fonte: (REVISTA O OLHO DA RUA<sup>14</sup>, 25/09/1907, p.15).

O parque ganhava destaque na imprensa. Era considerado a alegria da criançada, que ali podiam conectar-se e instrui-se de noções modernistas em voga no novo cenário social, principalmente as ligadas com experiências de velocidade e vertigem ao usufruírem do carrossel. Essas características se aproximam da perspectiva trabalhada por Singer (2001), que visualiza as experiências dos divertimentos como elementos

<sup>14</sup> Essa revista funcionou de 1907 a 1911. Com mais páginas que os jornais do período e publicada quinzenalmente (CHAGAS; FERNANDES, 2013), a magazine, através de charges humorísticas ilustradas, tecia críticas sobre política, religião, economia e negócios locais.

capazes de excitar e estimular a adesão aos aspectos modernistas decorrente da própria idealização da vida moderna que se modelava.

Mas, não era apenas o mundo infantil que desfrutava dos deleites do parque. O negócio também se tornava um locus de prestígio da cena pública dos adultos, que gozavam do bosque, pista de patinação, seções de tiro ao alvo, além das curiosas máquinas automáticas e várias outras atrações, como bem descreve uma crônica comentando os acontecimentos de um dia de diversões no parque.

COLISEU CURYTIBANO – hontem não teve o maravilhoso encanto do domingo anterior porque muito inferior a concurrencia, não só de cavalheiro como de familias. Isto, porem, foi devido ao impertinente frio, que reinou intensamente como se estivessemos em plena estação invernososa de astrakns e confortantes capas hespanholas. A’ tarde, recrudescio o frio, acompanhado de irritante garna, o que impedio a affluencia de passeantes ao bello logradouro, á rua do Aquidaban.

Ainda assim, e affrontando a desagradável temperatura, numerosas pessoas, de dia e á noite, flanavam pelo Coliseu, onde as bandas musicaes do regimento de segurança e 39º batalhão de infantaria se revezavam, no elegante coreto, exhibindo optimos trechos de operas.

O carroussel, que é o delírio da petizada ; o shaking-rink, que é a delicia dos rapazes sorstistas; o tiro ao alvo, attracção dos bellicosos; o bosque de Bologne, que é o remanso favorito do sexo gentil ; enfim todas as diversões que se econtram no Coliseu, hontem tiveram bastante apreciadores, apezar de enfarruscado o tempo (DIÁRIO DA TARDE. THEATROS E DIVERSÕES, 27/05/1905, p. 1).

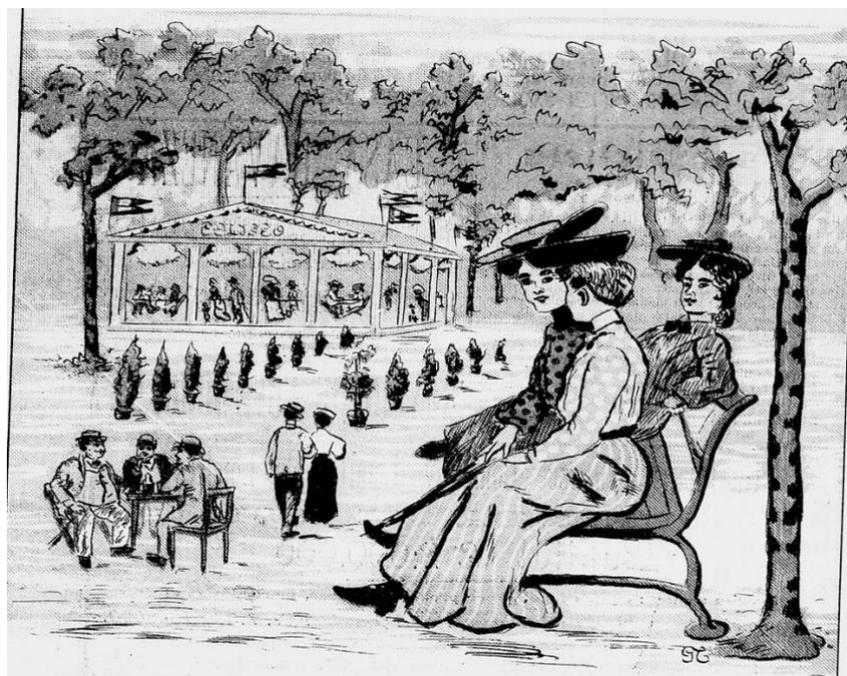
O *Colyseu*, segundo o cronista tornava-se “o ponto agora de reunião da população curitybana, aos domingos” (DIÁRIO DA TARDE, 27/05/1905, P.1). A menção a este dia da semana, possivelmente refere-se ao momento que o parque atraía maior público, aspecto que pode estar atrelado às movimentações com os serviços religiosos tradicionalmente realizados neste dia e a um período de pausa no trabalho. Além disso, deve-se considerar que o *Colyseu* funcionava diariamente a partir das 17 horas<sup>15</sup>, mas a pista de patinação que lograva muito sucesso, conforme enfatiza Gomes; Moraes e Melo (2020), ficava aberta todos os dias das 8h às 11h, 13 às 16h e das 17h às 22h (DIÁRIO DA TARDE, 17/03/1905, p. 3).

---

<sup>15</sup> Posteriormente, passou a funcionar de quinta a domingo.

Um destaque importante é que a dinâmica do parque envolvia homens e mulheres, um indício, inclusive, da maior presença feminina<sup>16</sup> na cena pública. Na patinação<sup>17</sup>, um espaço *chic* ofertado pelo logradouro, era notório o comparecimento das damas (GOMES; MORAES; MELO, 2020). O bosque também se apresentava como um local de descanso e conversas apreciado por elas, onde podiam flunar e desfilhar seus magníficos *toilettes*.

**Figura 5: Ilustração do bosque do Colyseu Curitybano**



Fonte: (REVISTAO OLHO DA RUA, 02/10/1907, p.17).

O sucesso do empreendimento era notório. A aposta dos empresários na oferta de atrações variadas se fortalecia e era vista com bons olhos pela imprensa local.

*COLISEU CURITYBANO* – Continua attrahindo todas as noites numerosas as concurrencia esta magnifica cada de diversão.

Os esforçados emprezarios procuram todo dia dotar o *Colyseu* de novas sorprezas.

Segundo o programma para amanhã, das 3 horas da tarde em diante serão soltos diversos balões figuras, representando bichos de toda a casta, e ás 7 ½

<sup>16</sup> Para Priori (2017) as movimentações femininas na esfera social neste período em Curitiba não eram apenas manifestações isoladas. Conforme a cidade se modernizava, ampliando o número de espaços de consumo, tornava-se progressivamente notável a presença de mulheres nestes ambientes, seja como consumidores, funcionárias ou empreendedoras.

<sup>17</sup> Para maiores leituras sobre o desenvolvimento desta prática na cidade de Curitiba ler Gomes; Moraes e Melo (2020).

cortará o espaço enorme balão com fogos de artifício. As bandas de muzicas tocarão de dia e á noite (DIÁRIO DA TARDE. THEATROS E DIVERSÕES, 15/04/1905, p. 1.).

Os anúncios nos jornais sobre o parque procuravam continuamente apresentar detalhadamente o estabelecimento, traçando um mapa das atrações e enfatizando estrategicamente o que consideravam pontos positivos. As menções a noções de modernidade e beleza eram frequentes, sugerindo que o *Colyseu* era um contribuinte símbolo de progresso para a sociedade curitibana. Contudo, apesar de rotineiramente elogiado na mídia impressa, conseguimos identificar que parte da arrecadação para a manutenção do parque provinha dos jogos de azar<sup>18</sup>, condutas que os proprietários estavam sendo acusados de envolvimento, aspecto este nada condizente com as atividades ofertadas no lugar, deixando assim certas interrogações quanto a moralidade do negócio. Todavia, a polêmica não pareceu ganhar maiores entonações, e muito menos chegou a frear o desenvolvimento do parque.

As movimentações não pararam, atrações humanas, animais e jogos variados com frequência eram anunciadas. Como o curioso caso do senhor Luiz Porro<sup>19</sup>, o homem locomotiva, um sujeito que percorria “incrivelmente 17 quilômetros em uma hora e meia” (DIÁRIO DA TARDE, 13/05/1905, p. 2). Galinhas e chimpanzés, e o jogo de tombola (algo similar ao bingo) também lograram sucesso nos cartazes da empresa (A NOTÍCIA, 09/12/1905, p. 4)<sup>20</sup>. Seções de diversões promovidas pelo “cynematographo Richebourg” (um nome fictício dado a um projetor da empresa francesa Pathé Frères) ou pela Cosmorama (uma espécie de projetor de imagens que reproduzia cenas em movimento para quem as olhassem por um visor) também passavam a fazer parte do quadro de diversões de quem visitasse o *Colyseu*. Inclusive,

---

<sup>18</sup> Ver: Diário da Tarde, 16/10/1906, p. 1.

<sup>19</sup> O que conseguimos saber sobre este sujeito é que ele era um andarilho e sobrevivia desta sua façanha atlética. Inclusive seu espetáculo realizado no *Colyseu*, conteve taxas de entradas convertidas para seu próprio benefício (A REPUBLICA, 12/05/1905, p. 2).

<sup>20</sup> Com circulação entre 1905 e 1908, anunciava em suas páginas que sua obrigação era pôr a par a sociedade paranaense de tudo que acontecia no estado e no mundo.

no ano seguinte de sua inauguração, o estabelecimento já ganhava investimentos, e um novo e específico espaço para essas potentes máquinas de ilusões era construído, fascinando e conformando ainda mais o público às experiências modernas, conforme abordaremos na seção a seguir.

### **Instruindo-se Para e Pelo Divertimento**

Em 1906, depois de passar por uma reforma que visava tornar o estabelecimento ainda mais moderno e atrativo, novas atrações se difundiram. Como principais itens inovadores da temporada, eram anunciadas uma fonte iluminada no centro da pista de patinação, e um complexo contendo um cinematógrafo, que na sua inauguração contou com a presença de sujeitos influentes na cidade, principalmente policiais. Possivelmente essa fosse uma tentativa de evidenciar para a população a moralidade dos proprietários e a legalidade do negócio.

*Coliseu Curitybano*, - Sabbado ás 7 horas da noite, teve lugar nesta casa de diversões, a experiencia da fonte luminosa, collocada no centro da pista de patinação. O reflexo da fonte produzio magnifico efeito com suas cambiantes multicores.

Depois desta experiência effectuou-se á inauguração do cynematographo instalado em um apropriado pavilhão, tendo sido exhibidos quadros fixos e movimentadas de muita perfeição e nitidez.

Compareceram á inauguração deste atractivos do agradavel parque de diversão os srs: capitão Luiz Manoel Agner, commisario de policia da 1º circumscrição, tenente Rego Barros, ajudante de ordens do sr. dr. chefe de policia, capitão Antonio Francisco, sub-comissario da 2º circumscrição, Mario Sibut e varios outros cavalheiros, tendo sido servida aos srs. convidados, pelos proprietarios do Coliseu srs Francisco Serrador e Antonio Gadotti uma taça de Champagne.

A estes cavalheiros agradecemos a gentileza com que trataram ao nosso representante (A NOTÍCIA, 05/11/1906, p. 1).

Junto à modernização do espaço de patinação, aumentaram o número de patins disponíveis, além do que, aulas<sup>21</sup> para aprender a dinâmica começaram a ser ofertadas - afinal, era na pista de patinação que damas e cavalheiros podiam experimentar inéditas sensações de velocidade, insegurança e risco. Além disso, como bem detalha Gomes,

---

<sup>21</sup> Ver, A Notícia, 03/11/1906, p. 3.

Moraes e Melo (2020), em função das vestimentas, os ambientes para patinar era um território refinado, características que certamente exigia uma preocupação explícita dos indivíduos com as formas corretas de se exibir determinadas técnicas corporais em público. Ao que aparenta, a população devia se instruir para essas novas experiências recreativas, e o parque, nesse sentido, não funcionava apenas como o ambiente de oferta, mas também como local de ensino das mesmas.

Melo (2017) e Melo e Santos (2017) ao estudarem as experiências com a patinação na São Paulo e no Rio de Janeiro dos finais do século XIX, nos ajuda a reforçar a perspectiva de que os espaços de diversão exigiam o aprendizado de certas formas tidas como corretas para se portar durante os momentos de diversão, ao mesmo tempo em que estes ambientes também ofertavam e ditavam a necessidade do aprendizado de determinadas técnicas. De acordo com os autores, patinar exigia a necessidade e o cuidado de se instruir a um variado conjunto de destrezas, principalmente para evitar quedas e, conseqüentemente, constrangimento em público. Nesse caso, aqueles que não quisessem passar por vexame deveriam buscar se instruir para tal, e os próprios locais de divertimento, tal como o *Colyseu Curitybano*, seriam possíveis espaços de ensino.

**Figura 6: Gravura da pista de patinação e fonte iluminada ao centro. Observa-se, ainda, as vestimentas dos praticantes**



Fonte: (OLHO DA RUA, 12/10 1907, p. 28).

Com a chegada do cinematógrafo, diversas alusões a países tidos como símbolo de modernidade emergiam nas divulgações das seções, uma nítida propaganda por parte dos proprietários com intenção de atrair público, evidenciando que ali pairavam espetáculos tão atualizados quanto os avistados na Europa, conforme retrata o cartaz publicado em uma revista ilustrada da época.

Figura 7: Ilustração do cinematógrafo do *Colyseu Curitybano*



Fonte: (REVISTA O OLHO DA RUA, 15/10/1907, p.21).

Segundo Brandão (1994), era comum a presença de mais de duas mil pessoas no parque neste período. As seções de patinação, o cinematógrafo e os giros no carrossel tornavam-se cada vez mais concorridas.

#### *Coliseu Curitybano*

Hontem á noite o Coliseu *Curitybano* proporcionou novamente suas diversões ao publico.

Ao magnifico logradouro affluu numerosa concurrencia, notando-se a presença de muitas familias.

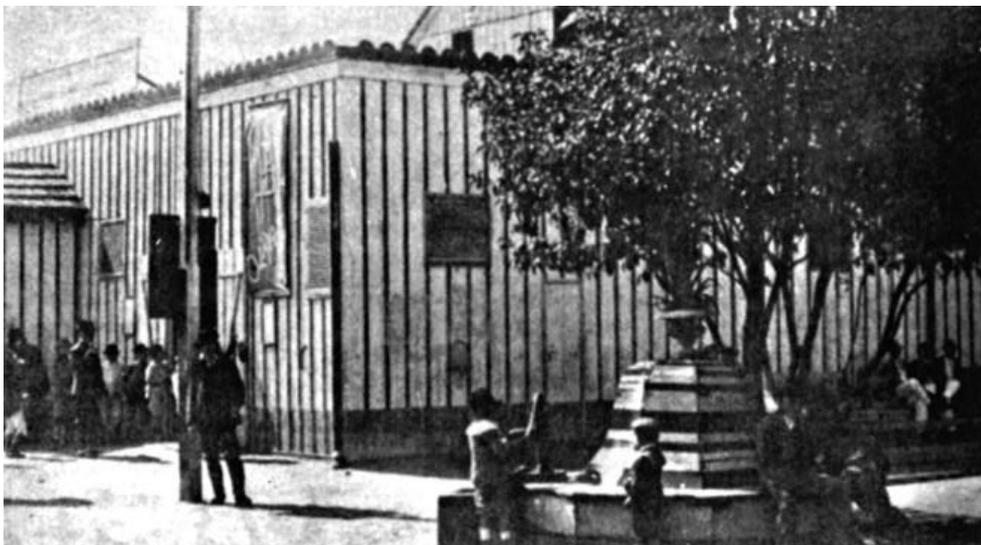
A's 8 horas em ponto, o bello repuxo luminoso feriu agradavelmente a vista dos circumstantes, começando logo depois desta exbição o spectaculo do

aperfeiçoado cynematographo. Os quadros apparecidos foram todos novos e interessantes.

Houve duas secções deste espectáculo, sendo ambas bem concorridas.

O carrousel fez a delicia de grande numero de crianças, tendo funcionado varias vezes e na pista de patinação via-se nesse exercicio não poucos amadores (A NOTÍCIA, 09/11/1906, p. 1.).

### Figura 8: Cinematógrafo do *Colyseu Curitybano* em 1913



Fonte: Brandão (1994).

Frequentar o cinematógrafo custava o mesmo valor de um conjunto de atrações do parque (A NOTÍCIA, 09/11/1906, p. 1). 500 reis eram o equivalente a uma entrada inteira e 200 reis a meia entrada, preços relativamente acessíveis quando comparado a outras estruturas do gênero<sup>22</sup>. Com custos acessíveis a uma variada parte da população, mas ao mesmo tempo anunciado como um espaço da elite curitibana<sup>23</sup>, possivelmente misturavam-se ali sujeitos de importantes famílias e indivíduos que não tivessem muito a perder. Em uma crônica publicada na Revista Olho da Rua, o autor anônimo deixa claro a presença de indivíduos mais e menos abastados nas dependências do *Colyseu* “É que os cinematographos cada vez mais attrahem, empolgam e deliciao nosso Zé povo e a burguezia dinheiruda. Com Magro 500 reis tanto o mais pobre como o mais rico viajam pela Europa, Azia, isto é, em Cairo, em Malta, em Nazareth e no Egyto” (O OLHO DA RUA, 29/07/1909, p.19)

<sup>22</sup> Uma seção no Teatro Guairá em 1907 nos camarotes, custava 10\$000 reis, 2\$000 nas cadeiras e 1\$000 na geral (DIÁRIO DA TARDE, 2 DE FEV. 1907, p.3).

<sup>23</sup> Ver, Diário da Tarde. Theatros e Diversões, 02/01/1906, p.2.

O cinema do *Colyseu* constituía-se como um local capaz de aproximar frequentadores de variados estratos econômicos às sensações oriundas de nações vistas como símbolos de modernidade. Ali os sujeitos podiam ver e aprender as maneiras de se portar dos europeus e “entrar” no mundo e costumes das culturas asiáticas ou africanas. Nessa esteira, as experiências culturais cinematográficas, conforme bem destaca Duarte (2017) acabaram cumprindo um papel interativo de produção de saberes, identidades, crenças e visões que abrangeu um numeroso e variado conjunto de pessoas, podendo, portanto, ser considerado um tipo de diversão de natureza eminentemente pedagógico.

Dito isso, é nítido que essa experiência moderna se conformou em mais um elemento de instrução e educação por meio do e para o divertimento ofertado pelo parque. Contudo, provavelmente haviam mecanismos, mesmo que não muito evidentes, de distinção e exclusão no *Colyseu*. Vale a pena lembrar, o relato sobre a presença de porteiros, bem como as vestimentas dos sujeitos nas ilustrações anteriores impondo certos limites.

O investimento em um espaço para o cinema foi um sucesso, e as movimentações comerciais em torno de cinematógrafos por parte dos proprietários não cessaram. Pelo contrário, expandiram-se para além do parque de diversão. Enquanto Francisco Serrador cuidava do *Colyseu Curitybano*, Antonio Gadotti passou a sair pelas cidades<sup>24</sup> divulgando o aparelho Richebourg, até instalar-se em São Paulo no Éden Theater (SOUZA, 2018). Ao que nos parece os proprietários do pioneiro parque paranaense visualizaram na sétima arte maiores ganhos. Em 12 de novembro de 1907, Serrador tomava a decisão de deixar Curitiba e seus investimentos para se encontrar com seu sócio onde juntos passariam a dedicar todos seus esforços ao cinema.

---

<sup>24</sup> Existem relatos da presença do empreendedor em Paranaguá, Campinas e em Santos. Para mais informações ver Souza (2018).

Em São Paulo, fundam o Cine Bijou, abriu também cinemas em Campinas e Santos (MORAES, 2012). Em 1910, inaugurou no Rio de Janeiro o Cine Chantecler, e participou do início da Cinelândia Carioca. Em 1911, junto de Gadotti, fundaram a Companhia Cinematográfica Brasileira, uma das primeiras casas produtoras de cinema nacional. De fato, ambos lograram muito sucesso no ramo da sétima arte, especialmente Francisco Serrador Carbonell, que formaria durante os anos 1920 um império ligado a este entretenimento - a ponto do mesmo ser reconhecido como um dos pioneiros do ramo no Brasil.

Com a saída dos dois empresários, o *Colyseu* vivenciou sucessivas mudanças de proprietários. Em 1908 passou a ser propriedade da empresa Flavio Luz e Muricy. Neste período, mesmo com nova direção, de início a dinâmica do parque nada mudou. Seguiu com a prática da patinação, as seções de cinema e uma programação de atrações variadas. Apesar disso, o estabelecimento ainda no mesmo ano sofreria alterações na sua gestão, que passava a ser gerenciada também pela empresa Rocha e Cia. Infelizmente não conseguimos encontrar informações sobre os motivos das trocas tão pouco sobre quem foram os novos proprietários. O fato de assumirem nomenclaturas comerciais dificultou as buscas, supõem-se que provavelmente eram sujeitos com certas posses para assumirem o risco de um negócio deste porte.

Em 1910 o *Colyseu* sofreria ainda mais com alterações no seu quadro administrativo. O grupo de empresas Flavio Luz e Cia e Rocha Cia que vinham tomando conta do estabelecimento em conjunto, transferiram o negócio para a firma Jaime e Muricy e Cia que ficou apenas seis meses à frente do parque o arrendando para a companhia J. Gambus e Cia, que também trabalharia pouco tempo no ramo, passando a empresa em 1911 para a firma Ildelfonso e Cia, empresa que também era proprietária do Teatro Mignon, um dos mais modernos espaços do gênero em Curitiba no respectivo

período. Neste ano, o parque mudaria de nome, passaria a ser chamado de Teatro Polytheama e sua programação de diversões cada vez mais ficaria restrita ao cinema.

Referências a nomenclatura do antigo logradouro ainda eram comumente utilizadas na divulgação deste novo negócio, um sinal de que o antigo *Colyseu* havia marcado a população em seu tempo de funcionamento.

**Figura 9: Cartaz de inauguração do Polytheama (antigo *Colyseu*)**



Fonte: (DIÁRIO DA TARDE, 27/02/1911, p. 3).

Em 1912 o antigo parque passou por mais uma alteração em sua gestão. Funcionando, novamente através de uma dualidade administrativa, a empresa de Ildefonso e Cia. ficava encarregada exclusivamente de ofertar os divertimentos e seu novo sócio, a firma J. Guimarães e Cia., comandava o cinematógrafo, negócio que outra vez pareceu não surtir efeito, pois ainda no mesmo ano a Guimarães e Cia saíria do mercado.

Nesta altura, em meio a um emaranhado de mudanças administrativas e assumindo um novo nome, o antigo parque *Colyseu* já cairia no esquecimento. De fato, já não era mais uma casa de diversões variadas, o leque de atrações era diminuto, a patinação era única atratividade para além do cinema e teatro que figuravam em

essência como atrações principal, conforme podemos observar em um anúncio contendo a programação do dia.

**Figura 10: Anúncio do Polytheama**



Fonte: (DIÁRIO DA TARDE, 10/09/1912, p. 3).

O leque de variedades não era o mesmo, as dimensões dos quadros de propagandas diminuíram. Caminhando rumo a tornar-se uma casa exclusiva de teatros e seções cinematográficas, o antigo parque de diversões passava a ter que concorrer com as ofertas de diversos empreendimento do mesmo gênero que se estabeleciam na cidade<sup>25</sup>, inclusive com o próprio Teatro Mignon dos mesmos proprietários. O velho logradouro da Rua Aquidabã que antes agitava os domingos curitibanos, não conseguia acompanhar as modernices dos outros espaços cinematográficos da cidade. Em uma de suas últimas atrações, promovidas pela companhia de espetáculos musicais Lahoz, estes aspectos ficam evidentes.

O excessivo frio e a umidade terrível da noite roubaram, do Polytheama uma boa parte do publico que naturalmente iria encher o grande teatro da avenida para ouvir uma das mais belas operetas modernas. A trupe Lahoz trocou pelo Guaíra, o Polytheama, o frigidissimo teatro onde nessas noites pavorosas de junho, os espectadores sofrem medonhamente. Afinal, antes o triste e arcaico casarão da Muricy que aquelle fazedor de

<sup>25</sup> Naquela altura a cidade tinha diversas casas que ofertavam cinema e teatro, havia o Teatro Guairá, o Teatro Hauer, o Eden Cinema e o Smart Cinema (A REPUBLICA. THEATROS E SALÕES, 14/03/1912, p.1.)

defluxos (DIÁRIO DA TARDE. DIVERSÕES PÚBLICAS, 23/06/1913, p. 2).

Entre as trocas administrativas, a emergência de novos espaços de atrações similares e outros inclusive de cunho esportivo que se desenvolvia na cidade<sup>26</sup>, em 1913 o grupo empresarial optou por fechar as portas e seguir apenas com um investimento neste ramo. O parque deixaria de existir, mas certamente marcou com lembranças e aprendizados aqueles que ali frequentaram durante seus tempos áureos

### Considerações Finais

Todo o pessoal do bom tom, O povo honesto e solerte Desta terra se diverte  
No COLISEU ou MIGNON.  
Porventura há quem despreze a Canção sonora e bonita Que canta com  
infinita Graça trinula, a DALESIA?  
“Il suffit d’unfrou-frou” linda A cançoneta da YETTI E os quentes quebros  
da KETTI, E a REINE AVOR e outra ainda...  
O MIGNON é uma delícia, Parece um trecho do céu! Mas quanto encanto e  
carícia Musical no COLISEU! (PATHÉ,01/01/1911, p.4)

Curitiba, nos anos iniciais do século XX, se forjava como uma cidade voltada ao progresso industrial, ao crescimento da população e dos espaços urbanos. Por seu leque de atrações e inovações, principalmente pela movimentação causada ao seu redor, podemos considerar que o parque de diversões *Colyseu*, durante seus anos de existência, foi mais um dos indicadores da circulação de ideias de modernidade na capital paranaense.

Como adverte Silva (2009), não devemos desconsiderar o caráter educativo dos parques, tão pouco dos momentos de diversão, afinal, nesses locais e momentos existiam tanto a possibilidade de brincar quanto a de aprender a brincar, portanto são espaços de caráter educativo. No caso do *Colyseu*, foi através do leque de divertimentos ofertado que os frequentadores puderam se sintonizar e se instruir de e para diversas novidades do mundo moderno.

---

<sup>26</sup> Neste momento já estava sendo realizado em Curitiba diversos matches de futebol e corridas ciclísticas, para mais informações ver Capraro (2002) e Moraes e Silva (2011).

Neste sentido, além de um importante ambiente de lazer, o parque se figurava como uma estrutura capaz de difundir aspectos educacionais no que tange à aquisição de concepções de modernidade e civilidade, seja nas aulas de patinação, nas seções de cinema ou na necessidade por um convívio amistoso durante a jornada pública. Noções estas que circularam com maior intensidade na capital paranaense no momento abordado.

Por fim, considera-se que valerá, no futuro, investigar as experiências de outros parques de diversões nas mais diversificadas cidades, afim de melhor compreendermos suas peculiaridades e estimularmos maiores debates acerca das contribuições destas estruturas e dos momentos de diversões para a história do lazer, da educação e cidade.

## REFERÊNCIAS

BAHLS, Aparecida Vaz da Silva. **O verde na metrópole: a evolução das praças e jardins em Curitiba (1885-1916)**. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1998.

BENVENUTTI, Alexandre Fabiano. **As Reclamações do Povo na Belle Époque: a cidade em discussão na imprensa curitibana (1909-1916)**. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

BRANDÃO, Angela. **A fábrica de ilusões: o espetáculo das máquinas num parque de diversões e a modernização de Curitiba (1905-1913)**. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba/ Fundação Cultural de Curitiba, 1994.

CAPRARO, André Mendes. **Football, uma prática elitista e civilizadora: investigando o ambiente social e esportivo paranaense do início do século XX**. 2002.

CORRÊA, Amélia Siegel. Imprensa política e pensamento republicano no Paraná no final do XIX. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 17, n. 32, p. 139-158, 2009.

CUNHA FILHO, Valter Fernandes da. **Cidade e sociedade: a gênese do urbanismo moderno em Curitiba (1889-1940)**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1998. 133f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, 1998.

CURITYBA, **Correia & Comp.** Leis Municipais, Curitiba, 117/1903, 149/1905 e 177/1906 de 1899.

CHAGAS, Luãn José, Vaz; FERNANDES, Marcio. A Modernidade em O olho da Rua: apontamentos sobre a cultura do visual na Curitiba do começo do século 20. In: *UFOP. ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA*, 9, 2013. **Anais...** Ouro Preto: Alcar, 2013.

**DIÁRIO DA TARDE**. Curitiba, 10/03/1905, p. 3.

\_\_\_\_\_. Theatros e Diversões. Curitiba, 13/05/1905, p. 2.

\_\_\_\_\_. Curitiba, 17/03/1905, p. 3.

\_\_\_\_\_. Theatros e Diversões. Curitiba, 20/05/1905, p. 1.

\_\_\_\_\_. Theatros e Diversões. Curitiba, 15/04/1905, p. 1.

\_\_\_\_\_. Curitiba, 27/05/1905, p. 1.

\_\_\_\_\_. Theatros e Diversões. Curitiba, 02/01/1906, p. 2.

\_\_\_\_\_. Curitiba, 16/10/1906, p. 1.

\_\_\_\_\_. Curitiba, 02/02/1907, p. 19.

\_\_\_\_\_. Curitiba, 27/02/1911, p. 3.

\_\_\_\_\_. Curitiba, 10/09/1912, p. 3.

DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 3ª edição, 2017.

FREIRE, Danilo Raniery Alves; OLIVEIRA, Ewerton de Almeida; ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira da. Práticas de lazer em Salvador: análise comparada entre dois bairros. **Licere**, v. 22, n. 3, p. 159-188, 2019. DOI: <http://doi.org/10.35699/1981-3171.2019.15308>.

GOIS JÚNIOR, Edivaldo. O esporte e a modernidade em São Paulo: práticas corporais no fim do século XIX e início do XX. **Movimento**, v. 19, n. 4, p. 95-117, 2013.

GOMES, Leonardo do Couto. "**Malum non admitte**": a cultura física no Clube Curitibano (1881-1914). Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

\_\_\_\_\_; MELO, Victor Andrade de. - **Aos touros** - A tauromaquia, o processo de modernização e o trânsito do rural ao urbano em Curitiba (1856-1916). Rio de Janeiro: PPGE, 2021.

\_\_\_\_\_; MORAES, Leticia Cristina Lima; MELO, Victor Andrade de. Aprender a ser chic: a patinação em curitiba (1879-1916) -uma experiência moderna. **Educação em Revista**, v. 36, 2020.

GRUNER, Clóvis. **Paixões torpes, ambições sórdidas**: transgressão, controle social, cultura e sensibilidade moderna em Curitiba, fins do século XIX e início do XX. Tese

de Doutorado. Tese (Doutorado em História). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2012.

LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, Carla B. (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Ed. Contexto, 2005. p. 111-153.

MARTINS, William de Souza Nunes. **Paschoal Segreto**: ministro das diversões do Rio de Janeiro 1883 – 1920. Dissertação Mestrado em História Social). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004

MELO, Victor Andrade de. Uma diversão civilizada—a patinação no Rio de Janeiro do século XIX (1872-1892). **Locus**: revista de história, v. 23, n. 1, 2017.

\_\_\_\_\_.; SANTOS, Flavia Cruz. Deslizando rumo ao progresso: a patinação em São Paulo (1877-1912). **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 23, n. 1, p. 171-184, 2017.

\_\_\_\_\_. Educação, civilização, entretenimento: o Tivoli-um parque de diversão no Rio de Janeiro do século XIX (1846-1848). **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 20, 2020.

MOLINA, Ana Heloisa. “Temos um Passeio Público, digno desta adiantada capital”: espaços de sociabilidades em registros fotográficos do acervo do Museu Paranaense. Curitiba. 1913-1930. **História** (São Paulo), v. 39, 2020.

MORAES, Julio Lucchesi. O Magnata de Valência: capitalistas, bicheiros e comerciantes do Primeiro Cinema no Brasil (1904-1921). **Revista Movimento**, São Paulo, n. 1, p. 1-18, 2012.

MORAES E SILVA, Marcelo Moraes. **Novos modos de olhar outras maneiras de se comportar**: a emergência do dispositivo esportivo da cidade de Curitiba (1899-1918). Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

**A NOTÍCIA**. Curitiba. 09/12/1905, p. 4.

\_\_\_\_\_. Curitiba, 03/11/1906, p. 3.

\_\_\_\_\_. Curitiba, 05/11/1906, p. 1.

\_\_\_\_\_. Curitiba. 09/11/1906, p. 1.

OLIVEIRA, Otto Braz de. **O quadro urbano e o processo edificatório em Curitiba**: 1919-1953. Trabalho de conclusão de curso – Bacharelado em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

**O OLHO DA RUA**. Curitiba, 25/09/1907, p. 15.

\_\_\_\_\_. Curitiba, 02/10/1907, p. 17.

\_\_\_\_\_. A. Curitiba, 15/10/1907, p.21.

**OLHO DA RUA**. Curitiba, 12/10/1907, p. 28.

\_\_\_\_\_. Curitiba, 29/07/1909, p.19.

PATHE. Curitiba, 01/01/1911, p. 4.

PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. **Semeando iras rumo ao progresso: ordenamento jurídico e econômico da sociedade paranaense, 1829-1889.** Curitiba: Editora da UFPR, 1996.

PERES, Fabio Faria; MELO, Victor Andrade de. A introdução da ginástica nos clubes do Rio de Janeiro do século XIX. **Movimento (ESEFID/UFGRS)**, v. 20, n. 2, p. 471-493, 2014.

PRIORI, Claudia. Mulheres e a pintura paranaense: relação entre arte e gênero (fim do século XIX e começo do século XX). **História: Questões & Debates**, Curitiba, v. 65, n. 1, p. 359-384, 2017.

A **REPÚBLICA**. Curitiba, 12/05/1905, p. 2.

\_\_\_\_\_. **Theatros e Salões.** Curitiba, 14/03/1912, p. 1.

SANTOS, Antonio Cesar de Almeida. Ideário do progresso e cidades: uma Curitiba das primeiras décadas do século XX. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 75-94, 1998.

SANTOS, Flávia da Cruz. **Uma história do conceito de divertimento na São Paulo do século XIX (1828-1889).** (Tese de Doutorado em Estudos do Lazer) Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2017.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

SILVA, José Cláudio Sooma. **Teatros da Modernidade: representações de cidade e escola primária no Rio de Janeiro e em Buenos Aires nos anos 1920.** Tese (Doutorado em Educação). Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

SINGER, Ben. **Modernidade, hiperestímulo e sensacionalismo.** O cinema e a invenção da vida moderna, org. Leo Charney e Vanessa R. Schwartz, São Paulo, Cosac & Naify, 2001.

SOUZA, Jhonatan Uewerton. **O jogo das tensões: clubes de imigrantes italianos no processo de popularização do futebol em Curitiba (1914-1933).** Dissertação (Mestrado em História). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2014.

SOUZA, José Inácio de Melo. **Nova história do cinema brasileiro.** Edições SESC, 2018.

VIGARELLO, Georges. **História das Práticas de Saúde: a saúde e a doença desde a Idade Média.** Lisboa: Editorial Notícias, 1999.

VIGARELLO, Georges. A invenção da ginástica no século XIX: movimentos novos, corpos novos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 25, n. 1, p. 9-20, 2003.

\_\_\_\_\_. Exercitar-se, jogar. In: VIGARELLO, G. (org.). **História do corpo.** Rio de Janeiro: Vozes, v.1, 2008, p.303-400.

**Endereço do Autor:**

Leonardo do Couto Gomes  
Endereço Eletrônico: [leo\\_gomes.97@hotmail.com](mailto:leo_gomes.97@hotmail.com)